



IX Seminário Nacional Sociologia & Política

Maio, 2018, Curitiba

GT 06 – Pensamento Social

CONVERSA COM ANITA MOSER: AS NARRATIVAS FEMININAS NO
PENSAMENTO SOCIAL



CONVERSA COM ANITA MOSER: AS NARRATIVAS FEMININAS NO PENSAMENTO SOCIAL

Caroline Laíza Negherbon¹
Luciana Butzke²

Resumo:

O presente estudo propõe a exposição da produção intelectual, sobretudo biográfica, da socióloga catarinense Anita Moser que pesquisou as condições de trabalho das mulheres camponesas que migraram para a indústria têxtil no contexto da cidade de Rodeio (SC) de 1970. Esta proposta compõe um capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no curso de graduação em Ciências Sociais pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. Outrossim, este artigo se insere num esforço mais amplo de observar as contribuições de pesquisadoras mulheres na reflexão sobre o papel da mulher no desenvolvimento regional do Vale do Itajaí. Considerando, portanto, a interface entre pensamento social, gênero e desenvolvimento regional. O método adotado é o método dialético, tendo como principal referência os trabalhos de Lucien Goldmann e Michael Löwy. Ambos utilizam o materialismo histórico numa perspectiva individual e coletiva, contribuindo para pensar a vida e obra da autora. Os dados biográficos foram obtidos através de uma entrevista semi-estruturada com a autora. A justificativa e resultados apresentados se inserem num esforço mais amplo de pesquisa que busca expandir as narrativas femininas no pensamento social, preenchendo algumas lacunas do conhecimento, que ainda permanece bastante vinculado a um olhar eurocêntrico, masculino, patriarcal e branco.

Palavras-chave: Pensamento Social. Desenvolvimento. Gênero. Vale do Itajaí. Anita Moser.

¹ Licenciada em Ciências Sociais, mestranda em Desenvolvimento Regional (FURB), carolnegherbon@hotmail.com

² Cientista social, doutora em Sociologia Política, professora da FURB, lbutzke@furb.br

1 INTRODUÇÃO

Escrever sobre mulheres que pensaram mulheres é um desafio, uma vez que o olhar sobre esse objeto de pesquisa não se limita meramente ao caráter de gênero ou em “ser mulher”. Quer dizer, perceber apenas uma dimensão é muito impreciso. Ninguém é só uma coisa. Existem diversos elementos condicionantes na produção intelectual e pessoal. A pesquisa iniciada em meados do primeiro semestre de 2017 e, mais intensivamente, no segundo semestre, trouxe ao debate esses múltiplos aspectos.

Como somos mais de uma coisa, este estudo propõe uma análise a respeito das contribuições da socióloga catarinense Anita Moser para o Vale do Itajaí³, considerando a interface entre pensamento social, gênero e desenvolvimento regional. Anita Moser, natural de Rodeio, Santa Catarina, pesquisou, sobretudo, as condições de trabalho das mulheres camponesas que migraram para a indústria. O livro analisado é *A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial* (1985).

Diante disso, procura-se apresentar os aspectos acerca da vida e obra da Anita Moser. Por que trabalhar vida e obra? Lucien Goldmann cunhou às ciências sociais e humanas uma categoria metodológica para se pensar a realidade histórica. Partindo das especificidades metodológicas das ciências humanas, em relação às ciências naturais, Goldmann formula o Estruturalismo Genético. O método consiste na análise das totalidades estruturadas, ou seja, considera-se a dialética entre o todo e as partes. A totalidade é entendida como uma realidade histórica em construção, um processo contínuo, pela qual o sujeito constrói teoricamente a totalidade, fazendo parte, assim, desse processo. As partes, ou “estruturas internas”, por sua vez, não existem em absoluto, pois a totalidade é submetida a um processo de variação. Dessa forma, o auge do paradigma é o da totalidade condicionando as partes, em uma relação dialética. (LÖWY; NAÏR, 2008. GOLDMANN, 1991).

O artigo está dividido em cinco partes. A primeira trata-se dessa introdução. A segunda se refere a uma aproximação teórica entre pensamento social, desenvolvimento e gênero. Procura-se, nessa parte, situar o pensamento da Anita Moser numa escala mais ampla; de

³ O Vale do Itajaí é uma das seis mesorregiões do estado de Santa Catarina. No total são 54 municípios ocupando uma área de 13.003,018 km² e uma população de 1.524.312 habitantes (IBGE, 2010).

diálogos entre intérpretes desses temas. A terceira parte tem por objetivo descrever a história da vida e carreira da autora. Para tanto, tivemos a oportunidade de conversar com ela, no auge de sua aposentadoria, através de uma entrevista semi-estruturada. A entrevista ocorreu no dia 4 de outubro de 2017, no Sindicato das Universidades Federais de Santa Catarina (APUFSC), Florianópolis. Na quarta parte busca-se analisar a obra da Anita Moser e perceber a dialética entre o todo e as partes; a dialética entre a vida/carreira e obra/produção intelectual da autora se dá através de uma perspectiva individual e coletiva. Por fim, a última parte, propõe algumas considerações que envolvem as narrativas femininas no pensamento social.

2 POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE PENSAMENTO SOCIAL, DESENVOLVIMENTO E GÊNERO

O pensamento social engloba grandes temáticas da formação da sociedade, diferentes formas de pensamento intelectual e artística, diferentes culturas e formas de linguagem (SCHWARCZ; BOTELHO, 2011). No pensamento social aparecem temas e perspectivas historicamente e espacialmente situados, interpretações da cultura, sociedade, economia e política. Trata-se de uma história em permanente movimento, de um país que se pensa e vai se construindo e reconstruindo nesse processo. O pensamento social brasileiro engloba, principalmente, três categorias de pensadores/as: precursores, clássicos e contemporâneos. (IANNI, 2004)

O grande desafio dos precursores (século XIX) era compreender e explicar a formação de uma sociedade civil enraizada no escravismo. As narrativas nesse período eram de um Brasil branco e português, ou seja, uma extensão da colônia. Negava-se os indígenas e os negros. Os clássicos, por sua vez, estavam deslumbrados pela questão nacional. Período de transição (meados dos anos 1930), de uma sociedade escravocrata para um Brasil urbano-industrial, a influência da universidade foi modificando o conhecimento histórico e social do país. Os clássicos decifravam as interfaces da sociedade civil envolvendo as discussões sobre povo, cultura, mentalidade, tradições e nacionalismo. Por fim, os desafios dos autores contemporâneos são outros. Quer dizer, cabe a eles aprofundar análises da sociedade brasileira

no sentido das instituições e valores, classe e grupos sociais, história e tradições, formas de organização, reforma e revolução. (IANNI, 2004; REIS, 2006).

As mulheres são minoria no pensamento social e seus temas são considerados, muitas vezes, minoritários. O pensamento social feminino tem sido eclipsado pelo falocentrismo, não garantindo a alteridade e a diferença das mulheres (BUTLER, 2003; SEGATO, 2016). Os estudos de gênero e o pensamento sobre o desenvolvimento regional podem oferecer uma importante contribuição a inserção das mulheres no pensamento social brasileiro.

O pensamento social, no campo da ciência, traz a contribuição de homens e mulheres que pensaram e pensam o contexto social iluminado pela teoria e com preocupações de produção do conhecimento científico. A autora enfatizada nesse estudo, nasceu no Vale do Itajaí, pensou a região e o desenvolvimento em sua relação com o papel feminino. Tal estudo contribuiu, assim, para a constituição do pensamento social regional do Vale do Itajaí. A expressão pensamento social regional é aqui utilizada ampliando o que Orlando Fals Borda chama de sociologia regional (FALS BORDA, 1970). A substituição da sociologia regional por pensamento social regional se dá por dois motivos principais: (i) para incorporar um campo mais amplo de conhecimento, as ciências sociais, do qual a sociologia é parte; (ii) para incluir pesquisadoras cujo pensamento e ação têm aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais, tendo a região como referência.

Os conceitos de desenvolvimento e desenvolvimento regional dizem respeito a diferentes escalas geográficas e foram popularizados no contexto mundial na segunda metade do século XX. O cenário de pós Segunda Guerra Mundial e o personagem principal os Estados Unidos. O país era uma “máquina produtiva” e os norte-americanos queriam legitimar sua hegemonia mundial. Nesse sentido, a partir de um projeto político em nível global, o Presidente Truman trazia um novo significado ao vocabulário do desenvolvimento: o subdesenvolvimento. Geralmente, se associava a esse conceito as noções de atraso e pobreza, condicionando, assim, um novo poder colonizador. (ESTEVA, 2000).

A teoria do desenvolvimento desigual e combinado contribui à reflexão sobre o imperialismo e esse “poder colonizador”. Através da dimensão econômica e política, observou que as diferenças naturais e históricas permitem o avanço das forças produtivas de um

determinado segmento da sociedade. Através da lei do desenvolvimento desigual e combinado, é possível perceber as relações sociais de produção nas formações sociais periféricas e os ritmos e velocidades distintos. Nesse sentido, Trotsky reflete a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, uma tentativa de explicar as transformações do capital no meio social. (BUTZKE; THEIS, 2012; LÖWY, 1998).

Outro debate que envolve pensamentos alternativos ao desenvolvimento é a partir das teorias feministas; ou seja, a construção de um pensamento emancipatório que permita uma posição crítica aos discursos do desenvolvimento. Nesse sentido, “[...] o pensamento feminista origina-se precisamente como questionamento político aos efeitos de um discurso androcêntrico que historicamente foi construído como científico e universal” (BARRAGÁN et al, 2016, p. 90).

Scott analisa a história das mulheres a partir da categoria gênero. Discute a importância da linguagem, símbolos e instituições para a ressignificação do caráter dual que a discussão de gênero remete: homem/mulher, masculino/feminino. Dessa forma, observa que o conceito é semelhante e variável da mesma forma que classe e raça, por se tratar do estudo dos oprimidos. Acresce que não é possível pensar a categoria gênero isolada de classe e raça. Portanto, o gênero deve ser repensado paralelo às discussões de classe e raça, possibilitando assim uma visão de igualdade política e social (SCOTT, 1995).

No Brasil, muitas pesquisadoras contribuíram para as questões de gênero no que se refere ao pensamento social brasileiro. O conceito de patriarcado no pensamento social brasileiro é tratado como um sistema de dominação do homem sobre a mulher no contexto do sistema escravista e tem como continuidade as relações que separam o público do privado em relações de gênero que continuam patriarcais (AGUIAR, 2000). Os estudos de gênero têm a possibilidade de transformar os paradigmas disciplinares, acrescentando novos temas e trazendo um reexame crítico ao pensamento social existente (SCOTT, 1995).

3 VIDA E CARREIRA DE ANITA MOSER

Essa seção tem por objetivo descrever a história da vida e carreira da socióloga Anita Moser. Tivemos a oportunidade de conversar com ela, no auge de sua aposentadoria, através de uma entrevista semiestruturada. A entrevista ocorreu no dia 4 de outubro de 2017, no Sindicato das Universidades Federais de Santa Catarina (APUFSC), Florianópolis.

Anita Moser nasceu no ano de 1937 em Rodeio, Santa Catarina, no mesmo ano em que o município se emancipava através da divisão territorial. Pertencente à uma família tradicional e pioneira na região, obtém o sobrenome Moser de seu pai; sua mãe, Pintarelli, também tinha em sua origem a história dos colonos vanguardistas. O processo de colonização em Rodeio foi majoritariamente implantado pelos italianos. Em 1875, aproximadamente 114 famílias vindas do Tirol Trentino, ocuparam Rodeio, Timbó, Indaial e demais proximidades.

A principal característica, quase sinônimo da cidade, era a religião católica. Assim, todos os aspectos da vida dos moradores eram regidos pela igreja. A educação, a saúde, a família, o lazer, a moral, entre outras categorias, estava sob domínio dos padres franciscanos e das irmãs da Divina Providência. O calendário anual de Rodeio era definido a partir das festas e demais atividades religiosas. Nesse sentido, o ritual de existência era marcado pelo estudo do catecismo e a formação moral seguia as seguintes celebrações cristãs: batismo, primeira comunhão, crisma e casamento. Anita fala da predominância religiosa em Rodeio: “Eu, por exemplo, quando era pequena, sentia que Rodeio tinha uma estrutura hierárquica dos padres sobre a comunidade (...). Em Rodeio era muita submissão, muito fechamento.” (MOSER, 2017).

Anita Moser pertence a uma família numerosa, com mais oito irmãos; ela era a segunda mais velha entre os irmãos da família. Essa característica numerosa se explica pelo aspecto econômico. Quer dizer, as famílias estavam organizadas no modelo de agricultura de subsistência, portanto, todos da comunidade possuíam uma pequena propriedade agrícola. Assim, todos os membros do núcleo familiar trabalhavam na terra: pai, mãe, filhos. Nas palavras de Anita “O pai trabalha na roça, mas a mãe também trabalha. A mãe também faz a comida, a mãe faz também a pequena indústria, faz sabão, faz isso, faz aquilo, trabalha no engenho e cuida das crianças.” (MOSER, 2017).

Apesar de viver pouco tempo em Rodeio, Anita Moser tem marcado em sua formação o elo espiritual. Na sua infância ela participou de uma instituição infantil chamada cruzadinha de Jesus. Em interpretação livre, significava os pequeninos de Jesus. “A gente entrava na Igreja de roupa branca, boina na cabeça, luva, meia e aquele canto, assim (representa a canção), com todos os pulmões” (MOSER, 2017). A entrevistada conta que a situação econômica em Rodeio não era das melhores, por esse motivo o trabalho ou o casamento era para as mulheres a principal mudança de vida. Até os onze anos, Anita frequentou o grupo escolar Osvaldo Cruz, no município de origem. Conta que a única possibilidade de continuar estudando era encaminhar-se para os colégios administrados pelas instituições religiosas. Dado esse contexto, Anita Moser, aos onze anos muda-se para a capital de Santa Catarina para estudar no Colégio Coração de Jesus (internato).

A juventude de Anita foi construída ao redor do colégio de cunho religioso. Sempre movida pelo interesse de descobrir coisas novas, as expectativas e anseios foram atendidos nesse meio. Além das atividades escolares, o colégio tinha algumas atividades obrigatórias como, por exemplo, os rituais religiosos, missa, entre outros. Por outro lado, também disponibilizava atividades artísticas e culturais. Anita conta que estudou piano por cinco anos e também aprendeu violão. Participava, ainda, do canto coral da instituição. “Para uma vida que estava começando, tinham muitas atividades interessantes” (MOSER, 2017). Finaliza o relato sobre essa fase de sua vida com humor: “Acima de tudo a gente precisava ser obediente. Essa obediência que, às vezes, causava um pouco de incômodo (risos)” (MOSER, 2017).

Em sua fase adulta, Anita conta abertamente da depressão que enfrentou. Foram seis meses convivendo com a doença. Ela caracteriza esse período como a perda do contato com o *eu profundo*. Para superar a depressão, adotou o método terapêutico da psicanálise e tratou-se por três anos. Conta, ainda, da relevância do seu empenho pessoal para a eficácia do tratamento. Paralelamente a este acontecimento, inicia, em 1973, os estudos na Universidade Federal de Santa Catarina, no curso de Ciências Sociais. “Era o tempo da ditadura e era difícil. Sabíamos que dentro da sala de aula tinham pessoas que deduravam. Não acredito que foi um curso altamente bem feito e com a liberdade que é necessária. Eu recuperei as coisas quando fui fazer mestrado” (MOSER, 2017). Nessa fase, psicanálise e ditadura eram a realidade de Anita: no lado pessoal o resgate com o íntimo, no lado social a perda da democracia e direitos humanos.

Anita Moser graduou-se em 1975. Logo depois, em Rodeio, a indústria têxtil Hering instalou-se no município rural. Este acontecimento desperta em Anita a vontade de entender e denunciar as consequências da transição de um modo de produção baseado na subsistência para o modo de produção capitalista e taylorista. Dado o contexto, Anita vai à Porto Alegre com um pré-projeto para o mestrado em Sociologia. Assim, por ter suas origens em Rodeio e por ser mulher, Anita sentiu-se sensibilizada e motivada com a problemática. Em 1982, escreve a dissertação, orientada pelo professor Antonio David Cattani. Conta que estudou por seis meses, antes de escrever a dissertação, as teorias para entender o que acontecia em Rodeio. Estudou temas como industrialização, processo de trabalho, modo de produção, gênero, entre outros. Debruçou-se sobre os autores marxistas e, por fim, compreendeu o funcionamento do capitalismo e da acumulação de capital. “Um quadro teórico só não é o suficiente. Tem que ter mais disciplinas juntas para se enxergar a realidade. Interdisciplinaridade” (MOSER, 2017).

Em 1983, ela apresentou sua dissertação intitulada *Mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial*. Dois anos mais tarde, em 1985, o trabalho foi publicado em livro. “Essa foto (capa do livro) é um desenho de um arquiteto. Intrigante a forma como ele estampou as mulheres com antolhos nos olhos, freios na boca e com a energia indo embora” (MOSER, 2017). Conta que a obra trouxe repercussão e provocou alguns interesses. “Logo quando foi publicado o livro, dois advogados da Hering me telefonaram. Queriam o livro. Eu disse, “mas porque vocês querem um livro?” Eles responderam “porque a Hering quer te processar” aí eu disse “por que é que não processa?” Eles respondem “porque você não disse nenhuma mentira” (risos)” (MOSER, 2017).

A formação acadêmica de Anita teve fim no mestrado. Ela conta que não fez doutorado por dois motivos: o mestrado foi bastante tarde e muito pesado. “Disse a mim mesma: doutorado não!” (MOSER, 2017). Logo depois do mestrado, Anita voltou à Florianópolis e compôs o quadro de professores da Universidade Federal de Santa Catarina, na disciplina Sociologia do Trabalho. Lecionou por quinze anos no nível acadêmico, até aposentar-se.

Após a aposentadoria, Anita realiza atividades de cunho artístico, espiritual, sempre envolvendo a arte e poesia. Conta que cultiva constantemente a vida espiritual, a meditação, as amizades e a natureza. Nessa fase, dedicou-se ao mosaico, a cerâmica, a tecelagem, aquarela; captando os conhecimentos dos mestres artistas. Além disso, Anita conta que ama viajar e que

registra todas essas experiências. A partir disso, cria relatórios integrando diferentes áreas do conhecimento: história, geografia, cultura, etc. No momento atual, trabalha na criação de um blogue pessoal, para compartilhar as viagens e o sítio eletrônico se chama *Viagens de Anita*.

4 ANÁLISE DA OBRA A NOVA SUBMISSÃO

Em interrelação com os aspectos da vida e carreira, essa seção tem por objetivo analisar a obra da Anita Moser e perceber a dialética entre o todo e as partes. Como mencionado anteriormente, Goldmann (1991) propõe às Ciências Humanas a análise das totalidades, através do Estruturalismo Genético. Nesse sentido, a análise social envolveria o estudo no nível do objeto (fenômeno) e no nível da estrutura. O pressuposto é de que a totalidade (estrutura) condiciona as partes. O pensamento dialético se caracteriza pela impossibilidade de lançar um olhar externo à totalidade, pois estamos dentro dessa estrutura. Nessa perspectiva, a dialética entre a vida/carreira e obra/produção intelectual da autora se dá através de uma perspectiva individual e coletiva.

O livro *A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial* é resultado da dissertação apresentada no curso de mestrado em sociologia na PUC-RS, em 1983, da socióloga Anita Moser. O trabalho foi orientado pelo professor Antonio David Cattani e publicado em livro no ano de 1985 pela Edipaz, Porto Alegre. *A nova submissão* faz parte do esforço para suprir a lacuna na análise das condições locais da organização capitalista de trabalho (CATTANI, 1985).

A obra propõe refletir as mudanças socioeconômicas do município de Rodeio (SC), no final da década de 1970, em sua relação com a região do Vale do Itajaí. O município, de economia predominantemente rural, se sustentava economicamente a partir da produção de subsistência das lavouras. Com o processo de industrialização brasileira nas décadas de 1950-1960 se desintegram as atividades de transformação. Aos poucos, as atividades de transformação que eram realizadas nos espaços rurais vão diminuindo e os agricultores e agricultoras passam a comprar muitos produtos que antes produziam. Com a liberação de um excedente de mão de obra rural os municípios passam a incentivar as indústrias para que ocupem a mão de obra e movimentem economicamente o município.

No Vale do Itajaí, a Hering estava descentralizando sua produção visando melhores condições de extração da mais valia. A estratégia de abrir unidades em municípios rurais fazia parte de uma estratégia de relocalização industrial, de destruir formas sociais não capitalistas e de reorganizá-las à serviço do capitalismo. A Hering foi registrada em 1893 e contava na época do estudo com a matriz, localizada em Blumenau, no bairro Bom Retiro e mais sete unidades na região do Vale do Itajaí: em Blumenau (Água Verde, Garcia), Indaial (Encano), Ibirama, Rodeio, Presidente Getúlio e Benedito Novo. Em 1970 abre uma unidade na região Nordeste do Brasil.

Em Rodeio de 1974 a 1978 a Hering empregou 500 mulheres em um prédio alugado pela Prefeitura. A unidade de Rodeio foi construída em 1977 e inaugurada em 1978 empregando 1.000 mulheres. Vale ressaltar que a fábrica se instala a partir de duas condições importantes presentes no município: a) mão de obra excedente rural e b) oferta de incentivos fiscais, terra e espaço físico. Nesse sentido, a unidade fabril representava um possível avanço na economia local.

Dado o contexto, a autora observa o funcionamento do processo de trabalho na fábrica, sobretudo a partir da mão de obra feminina. A pesquisa se desenvolveu em duas etapas. Na primeira etapa ela fez entrevistas informais com homens e mulheres de diferentes idades e atividades profissionais em Rodeio e coleta de dados e entrevistas em Blumenau. A segunda etapa da pesquisa aconteceu em 1982, com entrevistas com pessoas ligadas a chefia da produção e administração e 60 trabalhadoras em suas residências. Ela também aliou as entrevistas com a observação da rotina no interior da fábrica.

As mulheres ocupavam majoritariamente a força de trabalho, totalizando 1000 mulheres egressas do campo. A partir disso, o rural e o feminino são fatores importantes para o entendimento das relações de exploração que se estabeleceram na indústria e, pela ideologia, se mantiveram. Nessa perspectiva, o estudo procurou (1) questionar a vida da mulher operária da zona rural na unidade fabril, (2) entender as características do processo de trabalho, (3) refletir as relações que se estabeleceram com a indústria e (4) compreender como a mulher experimenta e se submete às novas relações de trabalho e a nova situação social que se cria. Esses aspectos são observados a partir do enfoque teórico da análise da dinâmica de produção capitalista, definida pelo processo de trabalho.

4.1 CLASSE SOCIAL, TRABALHO E GÊNERO

Para explicar as relações de classes, a autora resgata aspectos do processo de acumulação do capital. Entende que “as formações sociais se estruturam de acordo com o modo de produção dominante” (MOSER, 1985, p. 23). O processo de mercantilização da sociedade modifica o processo de trabalho e as relações de trabalho. Dessa forma, a estrutura do sistema capitalista designa a exploração da heterogeneidade de força de trabalho. Nisso, o trabalho da mulher é entendido a partir de uma disposição histórica e social.

Por outro lado, Anita Moser propõe, ao analisar a unidade fabril, uma imersão na realidade. Para tanto, realiza observações de campo, entrevistas e demais aproximações para, a partir da visão da trabalhadora, fazer uma caracterização dos fatores de produção. A conexão entre classes sociais e gênero são observadas nas relações interpessoais da empresa, onde existia uma diferenciação entre as trabalhadoras da linha de produção e chefia. “Algumas observações denotam o grau de burocratização da empresa e suas relações impessoais: “Com o gerente a gente não fala”. “O chefe não fala com nenhum dos empregados”. Muitas se dão bem com a encarregada: “É preciso estar limpa e não responder. Aí eles são jóia”. A submissão total é que marca esse tipo de relacionamento” (MOSER, 1985, p. 97).

Um dos capítulos do livro tem como título *Controle dos processos de trabalho: limites e obstáculos a consciência reivindicatória*. Ela identifica uma ausência quase absoluta da consciência de classe por conta das técnicas de controle do trabalho. Os dados “científicos da produção” eram utilizados para aumentar as metas e exigir mais das trabalhadoras. Se as metas não eram atingidas os salários ficavam menores. A fábrica, se comparada a outras atividades produtivas, pagava bem. O consumismo ancora a exploração. Por isso, apesar do esgotamento físico e mental, poucas trabalhadoras reclamavam. A fábrica também concedia diversos benefícios sociais inaugurando uma nova cultura: da fábrica como uma grande família.

Outra circunstância observada, era a ausência de sindicato, enquanto um órgão de representação de classe. A empresa descontava mensalmente uma quantia de dinheiro das operárias para construir uma fundação. Nesse sentido, a organização de classe partia dos patrões, contribuindo, assim, para uma consciência de classe imprecisa, uma vez que esses

indivíduos possuem interesses antagônicos. Como as mulheres trabalhavam na fábrica e trabalhavam em casa elas não tinham tempo disponível para atividades sindicais.

Esses elementos revelam o grau de submissão estabelecido na unidade fabril, a partir da mão de obra feminina. Situações como ser chamada para conversar com a chefia no gabinete era comparado ao confessionário; podia-se conversar com as colegas de trabalho apenas no intervalo de trinta minutos quando se fazia o lanche. Dessa forma, existia a submissão total das operárias e que era naturalizada. O binômio classes sociais e gênero traz, no caso de Rodeio, o processo de proletarização da população e a exploração desigual de homens e mulheres. Neste sentido, as mulheres, que eram maioria na fábrica, trabalhavam na produção, trabalhavam em casa e muitas na roça. O desgaste físico e emocional dessas mulheres era obscurecido pelo desenvolvimento econômico do município e pela sobrevivência da família, já que muitas dependiam da renda feminina para sua manutenção e reprodução.

Figura 1 – Operárias da Cia. Hering Rodeio (SC), data não catalogada.



Fonte: Arquivo Histórico da Hering, 2017.

No que se refere ao diálogo sobre trabalho, a autora destaca duas categorias: trabalho rural e trabalho industrial. Como mencionado anteriormente, a economia de Rodeio, antes da instalação da Hering, era mantida pelo trabalho familiar no campo. Este, por sua vez, se caracterizava pela agricultura de subsistência. O trabalho era uma condição inerente à mulher, mesmo que pormenorizado em relação ao trabalho masculino.

No campo as mulheres trabalhavam arduamente. Além disso, tinham suas obrigações domésticas, como cuidar da casa e das crianças. No processo de transição entre rural e industrial, a unidade fabril vê na mão de obra feminina uma oportunidade do então desenvolvimento econômico almejado na região. As mulheres tinham uma característica específica da estrutura sociocultural na qual cresceram. O município de Rodeio e o Vale do Itajaí era marcada pela influência religiosa e de tradição patriarcal. Estes aspectos intensificavam e, até mesmo, naturalizavam, a submissão das mulheres.

A organização do trabalho na Hering se caracterizava pela linha de montagem, tempos curtos para muitos movimentos. Acresce que, “Todos os trabalhadores diretos estão submetidos ao ritmo das esteiras e a movimentos intensos e rápidos, a partir de um planejamento da Matriz que determina a quantidade a qualidade das confecções” (MOSER, 1985, p. 81). Enquanto isso, no capitalismo, a ciência e tecnologia são importantes para produzir mais. O trabalho estava distribuído entre as mulheres em diferentes ocupações, tais como: costureiras, manuais, revisoras, painelistas, recarregadeiras, preparadoras de embalagem. A organização do trabalho e o ritmo estabelecido de produção eram mecanismos de controle e pressão para as operárias.

Do mesmo modo, vale ressaltar a característica da força de trabalho feminino. A saber, mais da metade (65,4%) das mulheres eram jovens de até 25 anos. Outro fato, a partir dos 16 anos, podiam trabalhar na linha de montagem, como costureiras. Nesse sentido, “[...] a empresa não vem oferecer trabalho, mas explorar força de trabalho na sua idade mais exuberante” (MOSER, 1985, p. 96). Essa mão de obra jovem estava submetida à condição de quantidade e qualidade, tempos e movimentos, produção e eficiência. “As costureiras identificam assim as pessoas que têm sempre produção acima de 100%: “Elas já são mais máquinas do que gente”. A partir dessa realidade, junta-se a dupla jornada de trabalho e, o que é muito importante, a quase inexistência de lazer” (MOSER, 1958, p. 98).

A partir de uma visão determinista, a mulher é vista como laboriosa por natureza. Representa, na comunidade, status e valorização pessoal. Em virtude disso, elas vivem uma jornada tripla: casa-filhos, roça e indústria. O trabalho na fábrica intensificou a rigurosidade em relação ao trabalho do lar. Dessa forma, não existem períodos de descanso, tampouco de lazer. O trabalho de casa não é considerado trabalho, pois é visto como inerente à condição humana. As consequências são observadas fisicamente e mentalmente, já que a maioria das mulheres

relatam alterações no sistema nervoso, vinculado ao estresse. Essa situação traz ao município uma contradição: por um lado a indústria é vista como salvação econômica; por outro a dilapidação precoce das forças físicas e mentais das mulheres trabalhadoras.

O binômio trabalho e gênero, no caso das mulheres, traz a dimensão do trabalho como liberdade mascarando a exploração existente e que se intensificou cada vez mais. A liberdade se apresentava como consumo e a exploração como acúmulo de funções (no âmbito doméstico, agrícola e industrial) e tendo como consequência o esgotamento físico e mental.

6 CONSIDERAÇÕES

Anita Moser se debruçou sobre temáticas relacionadas ao local e regional do contexto em que viveu boa parte de sua vida. Anita Moser viveu em Rodeio até os 11 anos e, ao se mudar para Florianópolis, ainda possuía vínculo com a cidade por via da família. Sensibilizada com as mudanças econômicas e do modo de produção buscou compreender as relações de conflito do município. Essa característica se explica, de acordo com Segato (2016, p. 27),

La experiencia histórica masculina se caracteriza por los trayectos a distancia exigidos por las excursiones de caza, de parlamentación y de guerra entre aldeas, y más tarde con el frente colonial. La historia de las mujeres pone su acento en el arraigo y en relaciones de cercanía. Lo que debemos recuperar es su estilo de hacer política en ese espacio vincular, de contacto corporal estrecho y menos protocolar, arrinconado y abandonado cuando se impone el imperio de la esfera pública.

Nesse sentido, a esfera pública é marcada historicamente pelos grandes atos da força e coragem masculina. Contudo, a contribuição feminina é um vínculo a ser resgatado na esfera pública. Além disso, pode-se pensar que a história das mulheres está conectada ao local e ao regional (*cercanías*), compondo, assim, a noção de espacialidade ao pensamento social, desenvolvimento e discussões de gênero.

Estudos que envolvem uma compreensão mais ampla e profunda acerca das contribuições das mulheres pesquisadoras para o pensamento social, gênero, desenvolvimento e região vem se estabelecendo enquanto categoria analítica, teórica e metodológica. Em diferentes escalas, a resignificação das narrativas hegemônicas, compõe um plano de estudos na América Latina, Brasil e, também, Vale do Itajaí. Nesse sentido, destaca-se a relevância de pensar a categoria



de análise gênero relacionada com a questão racial, étnica, de classe, imperial, colonial e assim por diante.

Um projeto que vale a pena ser mencionado é o “Pioneiras da Ciência no Brasil”, uma iniciativa do CNPq. Das seis edições lançadas, quatro pesquisadoras são da Sociologia: Virgínia Leone Bicudo (1910-2003), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1918-), Heleieth Saffioti (1913-2010) e Dulce Whitaker (1934-). Além disso, três são antropólogas: Marina de Vasconcellos (1912-1993), Heloísa Alberto Torres (1895-1977) e Gioconda Mussolini (1913-1969). A ideia do projeto é divulgar e visibilizar histórias inspiradoras de pesquisadoras das diversas áreas do conhecimento. Até o momento atual, setenta mulheres foram homenageadas.

No Vale do Itajaí, diversas mulheres pesquisadoras contribuíram para a construção do pensamento social, histórico, político, cultural, relacionando as temáticas de gênero, desenvolvimento, região, territorialidades, populações indígenas, planejamento urbano, exclusão socioespacial e socioambiental, entre outras categorias de análise contextuais. Pode-se mencionar: Anita Moser (1937-), Claudia Siebert (1959-), Giralda Seyferth (1943-2007), Vera Iten Teixeira, Vilma M. Simão, Maria Luiza Renaux (1946-2017), Beate Frank (1954-), Cécile H. J. Raud, Marilda R. G. C. G. da Silva (1947-), Ivani C. Butzke Dallacorte, Lucia Sevegnani, Urda Alice Klueger e Sueli Petry.

Os resultados aqui apresentados se inserem num esforço mais amplo de pesquisa que busca ampliar as narrativas femininas no pensamento social, preenchendo algumas lacunas do conhecimento que ainda permanece bastante vinculado a um olhar eurocêntrico, masculino, patriarcal e branco. Ao tentar sintetizar a vida e a obra de Anita Moser reporta-se ao seguinte problema: os condicionantes socioeconômicos e de gênero influenciam a produção intelectual? Nessa perspectiva, procurou-se localizar na produção intelectual uma estrutura mais ampla, a totalidade. Quer dizer, ao analisar as categorias e variáveis nas obras, paralelo ao contexto de vida é possível perceber a dialética entre o todo (a vida) e as partes (obra e texto).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Soc. estado.**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 303-330, Dec. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922000000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de abril de 2018.

BARRAGÁN, Margarita Aguinaga et al. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (Org.). **Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTZKE, Luciana; THEIS, Ivo Marcos. O paradoxo da geografia no capitalismo mundializado: revisitando a lei do desenvolvimento desigual e combinado. In: GALVÃO, Andréia et al (Org.). **Capitalismo: crises e resistências**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

CATTANI, Antonio David. Apresentação. In: MOSER, Anita. **A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial**. Porto Alegre: EDIPAZ, 1985.

Entrevista concedida por MOSER, Anita. **Entrevista I**. [out. 2017]. Entrevistadora: Caroline Laíza Negherbon. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, W. **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FALS BORDA, Orlando. **Ciencia Propia y Colonialismo Intelectual**. México: Editorial Nuestro Tiempo, 1970.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

IANNI, Octavio. **Pensamento social no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

LÖWY, Michael. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. **Revista outubro**, v. 1, n. 6, p.73-80, jan. 1998. Disponível em: <<http://outubrorevista.com.br/a-teoria-do-desenvolvimento-desigual-e-combinado/>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

LÖWY, Michel; NAÏR, Sami. **Lucien Goldmann ou a dialética da totalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

MOSER, Anita. **A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial**. Porto Alegre: EDIPAZ, 1985.



REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Pensamento Social Brasileiro, um campo vasto ganhando forma. **Lua Nova**, São Paulo, 82, p. 11-16, 2011.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.